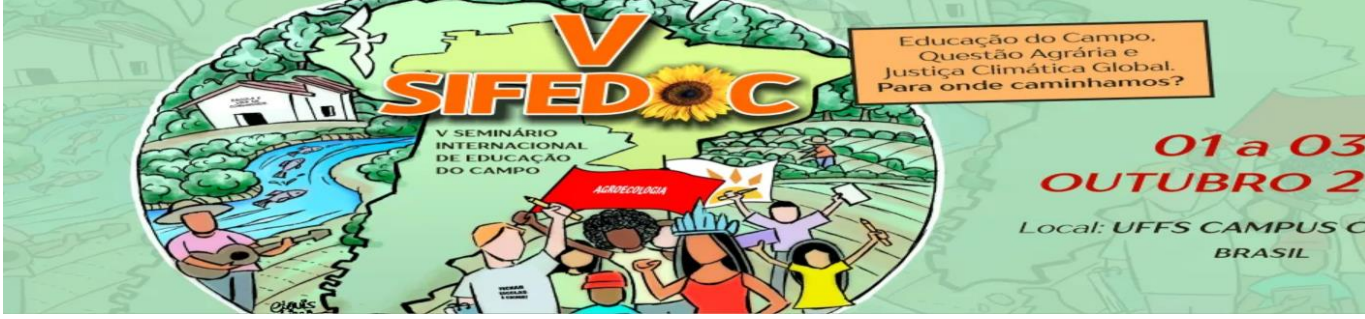


TÍTULO: O MASSACRE DOS LANCEIROS NEGROS, NO RS: UM ATO DE COVARDIA, NA GUERRA DOS FARRAPOS

Autor Maria Eloá Gehlen[1]

Círculo de Saber 3**:** Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Palavras-chave: Guerra dos Farrapos, Massacre, Lanceiros Negros

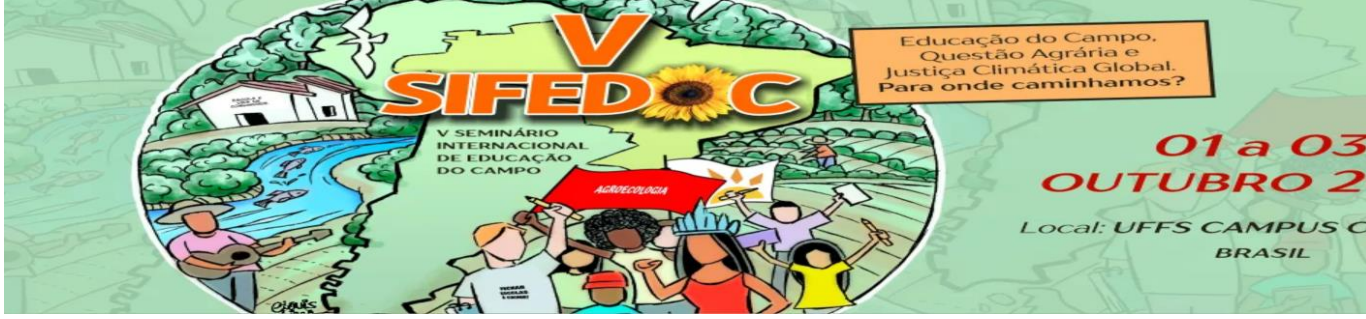
Introdução

O presente trabalho trata de um crime praticado contra os Lanceiros Negros, no Rio Grande do Sul, durante a Guerra dos Farrapos. O objetivo é esclarecer as causas do referido massacre. A hipótese é de traição de alguns dos Comandantes Farrapos tendo em vista a não libertação dos escravos negros que lutaram nessa guerra, por ordem do Império. A metodologia é revisão bibliográfica e utilização da técnica documental existente no Arquivo Histórico do RGS, na coleção Varella. A justificativa é deslindar a chacina dos Lanceiros Negros no RS, como reparação histórica, para aqueles que lutaram por 10 anos, em favor dos fazendeiros e receberam como pagamento a morte ou a escravidão no exército do Rio de Janeiro.

Subtítulo: O que aconteceu na madrugada de 14 de novembro de 1844, no Cerro dos Porongos, no RS

A guerra dos Farrapos é conhecida como uma revolução de caráter republicano, ocorrendo de 1835 até 1845, no estado do Rio Grande do Sul, mediante a liderança de Bento Gonçalves, David Canabarro, General Neto, Vicente da Fontoura, Giuseppe Garibaldi, entre outros, contra o Império brasileiro.

[1] Doutora em Educação. Professora na UFFS, campus Laranjeiras do Sul, PR. E-mail: maria.gehlen@uffs,edu,br



Porém, é necessário deslindar o que ocorreu com o Massacre dos Lanceiros Negros, evento conhecido como “Traição de Porongos”, no Município de Pinheiro Machado, RS, durante o final desta guerra.

A pesquisa é qualitativa, utilizando o método de revisão de literatura, com três autores que expõem esse assunto, utilizando também, prova documental existente no Arquivo Histórico do RS, na Coleção Varela, classificação CV-3730.

Os Lanceiros Negros era um grupo de pessoas escravizadas no RS, recrutadas para lutar pelos fazendeiros gaúchos, com a promessa de liberdade para toda a família. Era um grupo temido de infantaria e cavalaria, que com a lança e a adaga faziam os adversários ter pesadas perdas e recuarem.

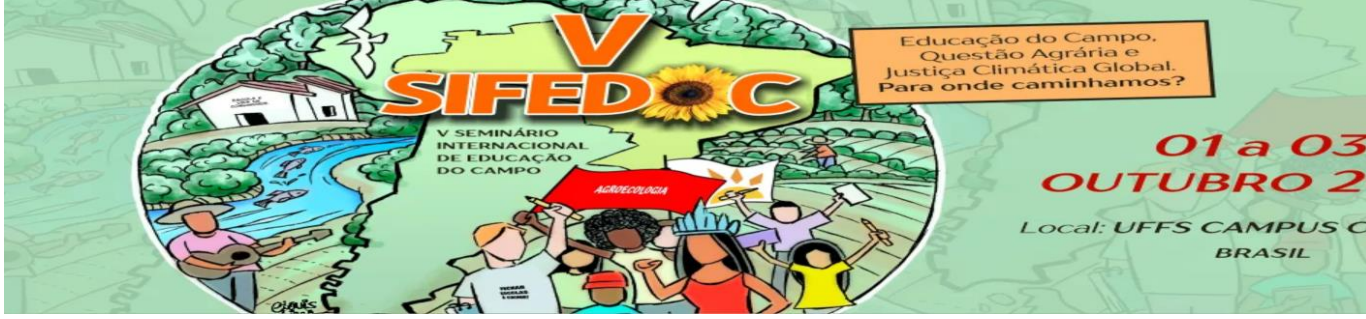
Juremir Machado as Silva, em sua obra *História Regional da Infâmia: o destino dos negros e outras iniquidades* (2010) descreve o que aconteceu na madrugada de 14 de novembro 1844, quando o grupo dos Lanceiros Negros estava desarmado, pois segundo o General David Canabarro, a guerra chegara ao fim, e foram brutalmente assassinados pelas tropas imperiais. Os que restaram com vida, foram enviados como escravos, para o Exército no Rio de Janeiro.

Para o autor acima citado, por trás dos discursos abolicionistas havia o sistemático financiamento da luta armada com a venda de negros e promessas vazias de liberdade aos cativos que nela lutassem. Sem receio de tocar em tabus da história gaúcha, Juremir alimenta a discussão a respeito da traição na batalha de Porongos, quando grande parte dos negros foi massacrada num ataque surpresa das forças imperiais, sustentando que a batalha não passou de um estratagema para o aniquilamento dos negros revolucionários

Encontra-se no Arquivo Histórico do RS, no setor Varela, uma carta de Duque de Caxias para o Coronel Francisco Pedro de Abreu, combinando o Massacre dos Negros. Nela dizia: poupe-se os brancos e índios pois, esta gente nos pode ser útil.

Há contestação que o massacre dos Lanceiros Negros tenha sido combinado com o General gaúcho David Canabarro, mediante o argumento que seria uma forma de difamação deste comandante rio-grandense.

Porém, quando há prova documental, outros argumentos falecem. Por mais que se tente esconder ou ludibriar com outras versões, o fato é incontestável. Os comandantes gaúchos haviam prometido a liberdade, em troca da luta pelas pessoas escravizadas. Entretanto, a



libertação dos escravos não havia ocorrido e o Império brasileiro não admitia libertar os negros que haviam dado sua vida, na guerra dos farrapos.

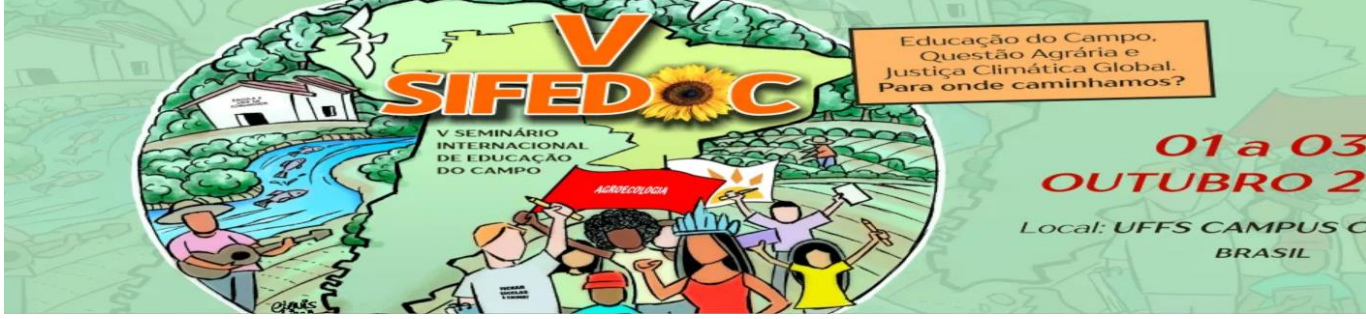
Assim, houve uma combinação com David Canabarro, de desarmar os negros e eles serem atacados e mortos, para não exigirem a liberdade prometida, na Guerra dos Farrapos.

Moacyr Flores (2004), na obra Negros *na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e a farsa em Poncho Verde*, apresenta uma pesquisa documental e a traição de Porongos, perguntando: por que os farroupilhas não aboliram a escravidão? Traz como tema mais polêmico o uso dos escravos na infantaria e na cavalaria, como lanceiros, procurando esclarecer, através da documentação existente na Coleção Varela, no Arquivo Histórico do RS, a traição no combate de Porongos.

Também, Geraldo Hasse e Guilherme Kolling (2006), na obra *Lanceiros Negros* relatam que "Na madrugada escura o acampamento do Lanceiros Negros foi atacado de surpresa, enquanto dormiam. Os poucos que escaparam do massacre não tiveram a chance de contar a história, pois foram presos e tornados escravos novamente. As interrogações continuam atuais: os negros foram traídos pelos chefes brancos que lhe prometiam a liberdade quando terminasse a guerra? Por que estavam desarmados? Combatente, ao lado do soldado branco, desde as primeiras guerras de conquista na fronteira, sua bravura é decantada. Mas sua presença é esmaecida, vaga, sem nome nem rosto. Sem direito à história".

Bento Gonçalves, Presidente da República do Piratini, também conhecida como República Rio-Grandense, deixou um inventário com escravos como herança para seus filhos após sua morte, ocorrida em 1847, dois anos após o fim da Revolução Farroupilha. Seu inventário, disponível no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, lista 53 escravos como parte de seus bens, que foram divididos entre seus herdeiros

Eram cerca de 1.000 homens negros, que estavam aguardando a definição a respeito do destino de cada um (2006, p. 11-16). Por mais que se tente negar os acontecimentos do Massacre dos Lanceiros Negros, no Cerro dos Porongos, no Município de Pinheiro Machado, RS, a prova documental é irrefutável, verificável no arquivo histórico do Rio Grande do Sul, na Coleção Varela, no sentido do brutal assassinato dos negros que lutaram na Guerra dos Farrapos como uma combinação entre o Duque de Caxias e um



comandante farrapo, para evitar que os negros exigissem a liberdade prometida pelos Generais Farroupilhas, em troca de 10 anos de lutas e perigos de morte.

.

Conclusão

Hoje, na memória popular, para os Generais Farroupilhas ficou marcado o mito de terem lutado na guerra contra o Império brasileiro e assinado o tratado de Poncho Verde (Tratado de Paz).

Até Bento Gonçalves, que foi Presidente da República do Piratini e tinha a promessa de libertação para as Pessoas escravizadas, na sua morte deixou 53 escravos no inventário para seus herdeiros, 2 anos após o fim da Guerra dos Farrapos. Foi uma promessa não cumprida de forma desleal.

Para as Pessoas escravizadas que lutaram ao lado desses Generais de forma destemida, arriscando a vida com a promessa de liberdade, sobraram a morte e para uns alguns poucos que ficaram vivos, de novo, a escravidão no Exército do Rio de Janeiro.

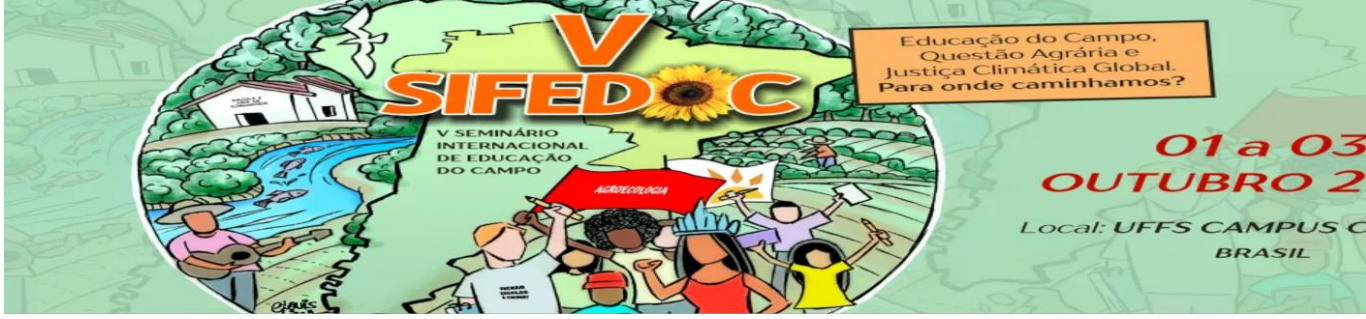
Referências bibliográficas

Flores, Moacyr. **Negros na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e a farsa em Poncho Verde**. Porto Alegre: EST, 2002.

HASSE, Geraldo; KOLLING, Guilherme. **Lanceiros Negros**, 2ª ed. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006, 144 p.

SILVLA, Juremir Machado da. **História Regional da Infâmia: o destino dos negros e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários**). Porto Alegre: L&APM, 2010.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. (AHRS). Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Coleção Varela. **Classificação CV-3730**, no AHRS. **Trata-se de uma cópia do documento subscrito pelo então Barão de Caxias, Luis Alves de Lima e Silva, endereçado ao coronel Francisco Pedro de Abreu, comandante da 8ª. Brigada do Exército, no período da Guerra dos Farrapos (1835-1845).** Disponível em



https://cultura.rs.gov.br/carta-de-porongos-retorna-para-o-arquivo-historico < Acesso em 01/06/2025.